

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT08.018](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT08.018)

A LINGUÍSTICA APLICADA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)

Mery Cristiane Batista Pacheco

Mestranda em Educação pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, merycbpacheco@gmail.com;

Joanderson de Oliveira Gomes

Mestrando do Curso de Educação da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, joandersonoliveira@hotmail.com

RESUMO

A Linguística Aplicada (LA) está presente em todo processo de ensino aprendido, têm como característica principal a transdisciplinaridade, investiga problemas de uso da linguagem e suas aplicações sociais. Abordaremos, portanto, neste trabalho, a aplicação da LA ao ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras), por meio de uma breve discussão acerca do histórico da LA e da educação de surdos, cultura surda e o ensino bilíngue como norteadores no processo de ensino-aprendizagem da Libras. Para tal, os procedimentos metodológicos do estudo foram por meio de pesquisas bibliográficas. A base deste estudo encontra-se nas produções de Moita Lopes (2006), Celani (1998), Cavalcante (1996), Scheifer (2013), Quadros (2007) e outros. Esse artigo está organizado em quatro seções, na primeira seção faremos uma contextualização da LA, definindo o objeto de estudo da LA, citaremos também dois autores Moita Lopes (2006) e Celani (1998) que divergem quanto ao caráter da LA, mas concordam a respeito do objeto de estudo, ainda no primeiro capítulo será feita uma abordagem histórica da LA no mundo e no Brasil; na segunda seção apresentaremos um breve histórico da educação dos surdos; já no terceiro capítulo

abordamos sobre a cultura surda e sua relação com a LA, a última seção é referente a Libras. A partir desse trabalho foi possível percebermos a contribuição da LA no ensino da Libras, pois a LA não é uma ciência engessada, ela não dita regras e metodologias corretas no ensino de línguas, até porque não existe um modelo certo ou errado.

Palavras-chave: Linguística Aplicada, Libras, Cultura surda, Transdisciplinaridade, Bilingue.

INTRODUÇÃO

Esse artigo surgiu como resultado da disciplina Fundamentos da Linguística Aplicada e práticas de ensino do curso de especialização em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas (CELAEL). Ele faz uma abordagem sobre a Linguística Aplicada (LA) e suas contribuições para o ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), como também, enfatiza a transdisciplinaridade na LA, devido a isso, ela pode ser uma grande aliada no ensino da Libras, porque no ensino aprendizagem dos surdos não podemos descartar sua identidade e cultura.

A LA tem um histórico de desenvolver métodos para o ensino da linguagem, com diferentes enfoques, mas os métodos utilizados foram desenvolvidos para o ensino de línguas orais-auditivas, por isso, merece uma investigação sobre sua aplicabilidade no ensino das línguas de modalidade visuo-gestual (ALBRES, 2012).

Os surdos, durante anos foram considerados incapazes pelo fato de não ouvirem, eram proibidos de adentrar nos ambientes escolares, religiosos e sociais. Diante disso, restava apenas o ambiente familiar. Após lutas e sofrimentos romperam isto, e hoje já possuem uma língua própria e reconhecida pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 e também a Lei nº. 14.191 de 2021 que dispõe sobre a modalidade de educação bilingue de surdos.

A introdução desse artigo está organizada em quatro seções. Na primeira seção faremos uma contextualização da LA, definindo o objeto de estudo da LA, citaremos também dois autores Moita Lopes (2006) e Celani (1998) que divergem quanto ao caráter da LA, mas concordam a respeito do objeto de estudo, ainda no primeiro capítulo será feita uma abordagem histórica da LA no mundo e no Brasil; na segunda seção apresentaremos um breve histórico da educação dos surdos; já no terceiro capítulo abordamos sobre a cultura surda e sua relação com a LA, a última seção é referente a Libras.

A Linguística Aplicada investiga problemas de uso da linguagem e suas aplicações sociais, mas não qualquer problema, somente aqueles com relevâncias sociais na qual suas respostas causem ganhos a práticas sociais e vá contribuir para uma melhor qualidade de vida dos envolvidos. Ela é considerada por Moita

Lopes (2006) como indisciplinar e para Celani (1998) como transdisciplinar. Apesar de discordarem em relação ao caráter inter ou transdisciplinar, ambos defendem o “interesse primário de pesquisa e os selecionados para estudo”. (ROJO, 2006 p. 1765). Com isso, o linguista aplicado precisa se desprender dos componentes curriculares e transcender. De acordo com Lefta:

Pesquisar em LA é como pesquisar petróleo no mar: precisamos abandonar o conforto de caminhar em terra firme, com balizas enterradas no chão, e aprender a navegar, assestando nossos instrumentos em plataformas móveis. A dificuldade numa plataforma móvel é manter o rumo, um rumo que não é o da linguística, nem da psicologia, nem da antropologia, nem de qualquer outra ciência com a qual nos avizinhamos, tem um rumo que é o da LA (LEFFA, 2006, p. 4-5).

A citação acima evidencia que a LA não está “alojada” em determinado componente curricular, ela rompe barreiras disciplinares, ou seja, ela é de natureza híbrida, que estuda a língua no seu uso real.

Os estudos a respeito da LA iniciaram dentro das disciplinas de Psicologia Cognitiva e da Linguística, com o decorrer do tempo e o avanço nesses estudos, alguns linguistas perceberem que a ciência não estava conexa somente com esses componentes. A LA transitava em várias disciplinas, com isso, perceberam que a LA poderia ser uma ciência independente. Então,

A Linguística Aplicada é um campo de pesquisa e prática interdisciplinar lidando com problemas práticos da linguagem e comunicação, os quais podem ser identificados, analisados ou solucionados aplicando-se teorias, métodos e resultados de trabalhos disponibilizados pela Linguística, ou desenvolvendo-se novos arcabouços teóricos e metodológicos em Linguística para trabalhar com esses problemas. A Linguística Aplicada difere da Linguística em geral no que diz respeito à sua orientação em direção a problemas práticos, do cotidiano, relacionados à linguagem e à comunicação (AILA, 2013, s./p.).

Portanto, a LA foi se consolidando a partir da criação do primeiro curso de L.A, que aconteceu na Universidade de Michigan em 1946, nessa época a L.A tinha o significado de melhoria e estudo do ensino de línguas, planejamento linguístico, aprendizagem de línguas, gerenciamento de problemas de fala e terapia de fala. A maioria dos trabalhos em L.A eram concentrados em ensino e aprendizagem de língua, especialmente o Inglês como língua estrangeira ou segunda língua. Logo depois, nos anos cinquenta, ocorreu a institucionalização da Escola de Linguística Aplicada da Universidade de Edinburg com o objetivo de lidar com o conhecimento sobre a linguagem, como ela funcionava e como era usada para contribuir com questões da vida real. (MENEZES et al, 2009).

No Brasil a L.A surgiu em meados dos anos 70, e teve sua expansão com a criação do Programa de Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas da PUC-SP, a criação do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada na Universidade Estadual de Campinas e em 1990 ocorreu a criação da Associação de Linguística Aplicada do Brasil-ALAB.

Assim, como nos Estados Unidos, no Brasil a introdução da LA teve seus momentos transitórios, no início estava diretamente relacionada a linguística, de acordo com Kleiman (1998, p. 51):

No Brasil, é quase impossível discorrer sobre o estatuto teórico ou disciplinar da Linguística Aplicada (L.A) sem se discutir sua relação com a Linguística. [...]. Entretanto, o assunto continua sendo debatido como um problema relativo à relação entre a Linguística e a LA no nosso meio, talvez porque, neste contexto, as fronteiras entre o linguista e o linguista aplicado não são nitidamente marcadas nos departamentos, nas associações, nos encontros profissionais, na esfera de ação. Assim, por exemplo, temos um grande número de pesquisadores que se identificam como linguistas com uma vocação para as aplicações, no sentido de reutilizar seus saberes, suas descobertas, sua formação, nas questões práticas do ensino, particularmente do ensino de língua materna. Essa vocação tem suas origens tanto na história das duas disciplinas quanto em fatores conjunturais do desenvolvimento atual da Linguística.

Antes das décadas de 80 houve muita discussão quanto ao objeto de pesquisa da LA, hoje já temos definido e sabemos que está além da pesquisa de língua materna e língua estrangeira. Segundo Cavalcante (1986, p. 50): “a LA foi vista durante muito tempo como uma tentativa de aplicação de linguística à prática de ensino de línguas”. A LA transcende os componentes curriculares, levando em consideração todo o contexto de linguagem na qual estamos inseridos.

A transdisciplinaridade na LA é considerada como um processo de desreterritorialização, embasado nos conceitos geográficos, na qual o prefixo “des” se refere a certo objeto de estudo que lidam com as linhas de fuga e o prefixo “re” são os novos agenciamentos entre as teorias, conceitos e áreas do objeto que ultrapassem os conhecimentos formulados prévios, fazendo um movimento de terceiro espaço, que inicia por um território, perpassa por vários, resultando na convivência de territórios distintos (SCHEIFER, 2013). De acordo com Scheifer (2013, p. 927) “É necessário considerar que não há território, não há saberes construídos, sem uma estruturação em rede que conecte diferentes pontos ou áreas”. Apesar da pesquisa em LA ser considerada transdisciplinar, ela não é aleatória, sempre tem algo que faz o elo, então, a transdisciplinaridade no processo de desreterritorialização nunca será plena. Assim,

A LA como um campo de estudos no qual é frequentemente possível desenvolver práticas transdisciplinares só faz sentido se for problematizada como um território-rede, formado de lugares contínuos e de lugares em rede (especialmente descontínuos, mas intensamente conectados e articulados entre si), que opera a partir da articulação complexa com distintos territórios-zona, os quais refletem tradições teórico-metodológicas não só diversas e multifacetadas como também concorrentes, tanto no campo epistemológico quanto no institucional acadêmico (SIGNORINI, 2004 apud SCHEIFER, 2013, P. 929).

Devido ao caráter de estudos da LA transcende o estudo da língua, leva em consideração vários quesitos, como: a cultura, sujeitos, espaços, questão social. Não prioriza e nem inferioriza qualquer

corrente, se preocupa com os acontecimentos reais e sociais das pessoas. E assim:

Não se pode descrever a língua e seu uso fora do contexto daquele uso, isto é, da sociedade na qual ela é usada. Começar por uma definição da língua (qual?), e posteriormente definir a sociedade (de que tipo?), ou proceder em direção oposta, apenas vai resultar em tentativas (tão desesperadoras quanto precárias) de juntar o que nunca deveria ter sido separado (MEY, 1985, apud RAJAGOPALAN, 2006, p. 11).

Com isso, a educação de surdos e a Língua Brasileira de Sinais se encaixam perfeitamente nesses estudos, pois para se ter um ensino de qualidade da pessoa com surdez, precisamos conhecer, respeitar e considerar vários campos do conhecimento, especialmente o cultural. Por isso, não podemos desprezar o conhecimento da cultura surda .

Durante décadas os surdos foram excluídos pela sociedade. Eram tratados somente no campo clínico e não podiam receber heranças. A ausência da escuta era associada à incapacidade cognitiva e como não falavam, era suposto que não tinham linguagem. Ponce de Leon e L'Épée foram grandes aliados ao reconhecimento da capacidade do surdo. O monge Pedro Ponce de Leon iniciou a alfabetização dos surdos através da datilologia. Já o Abade Charles Michel de L'Épée, em 1750, se aproximou dos surdos das ruas de Paris, aprendeu com eles a língua de sinais e criou os Sinais Metódicos, o sucesso na educação de surdos foi enorme que transformou sua residência em uma escola pública. No mesmo ano, em 1750, surgia na Alemanha as ideias de Samuel Heinick com a filosofia oralista. De acordo com Goldfeld (2002, p. 34):

O oralismo percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada pela estimulação auditiva. Essa estimulação possibilitaria a aprendizagem da língua portuguesa e levaria a criança surda a integrar-se na comunidade ouvinte e desenvolver uma personalidade com a de um ouvinte. Ou seja, o objetivo do oralismo é fazer uma reabilitação da criança surda em direção à normalidade, à não surdez.

A filosofia do oralismo foi aprovada por unanimidade no congresso de Milão em 1880, resultando na proibição da comunicação através das línguas de sinais. O Brasil seguindo a tendência mundial, estabeleceu o oralismo como método para educar os surdos, proibindo o uso da Libras. A filosofia oralista perdurou por muitos anos no Brasil e na região Norte não foi diferente. Segundo alguns relatos de professoras surdas que trabalham no Centro de Atendimento ao Surdo (CAS) de Macapá-AP, elas estudaram na década de 1980 na Escola Felipe Smaldone de Belém do Pará, a língua de sinais era proibida e todos os surdos que estudavam lá eram obrigados a oralizar. Lembro de um depoimento comovente de uma professora: “amarravam nossas mãos para trás, não podíamos sinalizar, tínhamos que aprender a falar de qualquer maneira, cheguei até a apanhar das freiras”. Isso tudo, porquê acreditavam que o desenvolvimento da criança surda estava vinculado a capacidade de aprender a falar.

Sendo assim, a pessoa surda que se opusessem a aprendizagem da fala, era castigada, tentavam transformá-la em um ouvinte que não escuta. Após o insucesso do oralismo, devido a língua oral não garantiu todas as necessidades dos surdos, surgiram vários métodos para alfabetizar os surdos, a Comunicação Total foi um método que se opôs a filosofia oralista e ganhou vários adeptos.

Uma das grandes diferenças entre a Comunicação Total e as outras filosofias educacionais é o fato de a Comunicação Total defender a utilização de qualquer recurso linguístico, seja a língua de sinais, a linguagem oral ou códigos manuais, para facilitar a comunicação com as pessoas surdas. A Comunicação Total, como o próprio nome diz, privilegia a comunicação e a interação e não apenas a língua (ou línguas) (GOLDFELD, 2002, p. 34).

Somente após as pesquisas do linguista Willian Stokoe, reconhecendo o estatuto linguístico da língua de sinais americana –ASL através da publicação do artigo “Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication System of the American Deaf”, iniciaram estudos sobre as línguas de sinais e sua aplicação na educação de surdos.

O método mais indicado para ensinar as pessoas com surdez é o bilinguismo, na qual todos os surdos devem ser bilíngues, ou seja, deve adquirir primeiro a Língua de sinais e, como segunda

língua, a língua oficial do país, na modalidade escrita. Nas palavras de Goldfeld (2002, p 43) “o conceito mais importante que a filosofia bilíngue traz é o que os surdos formam uma comunidade, com cultura e língua próprias”.

Lima (2006) diz que o método bilíngue é o processo de aprendizagem para os surdos que utiliza de duas línguas, a Libras e a Língua Portuguesa na modalidade oral e/ou escrita. De acordo com Pereira e Cunha (2009) a Libras desempenha o papel de facilitar a comunicação dele, como a língua portuguesa na modalidade oral para os ouvintes. Porém, por conviverem numa sociedade de mais ouvintes, recebem muita influência da língua imperativa, mesmo tendo uma comprovável dificuldade de utilização e compreensão da língua. Segundo Pereira e Cunha (2009, p. 63):

Uma pessoa pode ser considerada bilíngue por origem, se aprendeu as duas línguas desde pequena com falantes nativos ou usou as duas línguas como formas paralelas para se comunicar desde muito cedo. Pode ser considerada bilíngue também aquela pessoa que se identifica e é identificada pelos outros como usuária de duas línguas.

Muitos surdos tornam-se bilíngues por interagirem desde cedo com duas línguas, uma na família e outra na escola e nos grupos de amigos surdos, o que se torna produtivo para as pessoas com surdez, pois isso permite a convivência com ouvintes e surdos, no dizer de Quadros (1997) as crianças surdas devem crescer bilíngues, sendo a língua de sinais a primeira, e a segunda a língua majoritária na modalidade escrita.

O bilinguismo favorece muito o processo de ensino-aprendizagem dos surdos, porque nas instituições escolares a maioria dos profissionais não sabem LIBRAS, e o educando quando consegue compreender, mesmo que pouco a língua dos ouvintes, interage e entende mais o mundo a sua volta, diferente do surdo que sabe apenas uma língua.

Para se entender a Língua de Sinais é necessário saber sobre a cultura surda, suas peculiaridades, costumes, hábitos e suas variedades. Strobel (2008) define cultura surda como o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e modifica-lo a fim de torna-lo acessível e habitável, abrangendo a língua, crenças, ideias, costumes e os

hábitos do povo surdo. No dizer de Strobel (2008, p. 29) “Dentro do povo surdo, os sujeitos surdos não se diferenciam um de outro de acordo com o grau da surdez, mas o importante para eles é o pertencimento ao grupo usando a língua de sinais e cultura surda, que ajudam a definir as suas identidades surdas”.

Por falta de conhecimento algumas pessoas rotulam os surdos de preguiçosos, mal educados, inconvenientes e etc. Nesse contexto percebe-se que para pesquisar a língua de sinais, precisa primeiramente conhecer os sujeitos surdos, seu padrão de comportamento, as experiências trocadas (surdos x surdos e surdos x ouvintes) em qualquer ambiente que frequentam, sejam eles na escola, no trabalho, em associações ou encontros informais, então, estudar cultura surda está de acordo com Scheifer (2013) que defende a transdisciplinaridade na L.A como uma “construção emergente” já que o pesquisador mobiliza diferentes instrumentos, métodos e técnicas de representação e de interpretação. Para uma efetivação satisfatória da educação dos surdos precisamos valorizar e saber a respeito da cultura e identidade surda. De acordo com Karnopp (2010, p. 99):

Ao afirmarmos que os surdos brasileiros são membros de uma cultura surda, não significa que todas as pessoas surdas do mundo compartilham a mesma cultura simplesmente porque elas não ouvem. Os surdos brasileiros são membros da cultura surda brasileira da mesma forma que os surdos americanos são membros da cultura surda norte-americana. Esses grupos usam as línguas de sinais diferentes e possuem diferentes experiências de vida.

A afirmação de Karnopp demonstra as variações culturais do sujeito surdo na qual não se tem uma única cultura surda e nem todas as culturas surdas utilizam a língua de sinais, existem surdos que tem aversão a Libras e por isso fazem o uso da oralização, mesmo sabendo que a língua natural dos surdos é a Libras, eles preferem utilizar o meio de comunicação dos ouvintes. Então, no processo de ensino-aprendizagem todas as formas de comunicação devem ser respeitadas. De acordo com a contextualização sociocultural dos PCN’s do ensino médio, devemos:

Considerar a linguagens e suas manifestações como fontes de legitimação de acordos e condutas sociais, e sua representação simbólica como forma de expressão de sentidos, emoções e experiências do ser humano na vida social; compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação; respeitar e preservar as manifestações da linguagem, utilizadas por diferentes grupos sociais, em suas esferas de socialização[...] (BRASIL, 1999, p. 14).

Sendo assim, já está contemplado no ensino das linguagens a valorização cultural e social dos estudantes, apesar disso, muitos discentes surdos adentram no ensino médio com lacunas de aprendizagem linguística e alguns finalizam a educação básica com um déficit das competências e habilidades sugeridas pelos PCN do ensino médio, o que pode ocasionar um egresso tardio no ensino superior e também um não acesso ao nível acadêmico.

Apesar de existirem outros métodos de comunicação para os surdos, o ensino bilíngue é considerado e comprovado o mais eficaz na educação de surdos. A Língua Brasileira de Sinais é a língua natural dos surdos, e foi reconhecida pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que diz em seu Art.1º e no Parágrafo único:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Diante disso, o reconhecimento da Libras foi um ganho para a comunidade surda, pois algumas pessoas achavam que a comunicação de surdos era feita com sinais oriundos da Língua Portuguesa e isso não é verdade, a Libras tem sua estrutura gramatical própria.

Vale ressaltar, que nem todos os surdos utilizam a Libras, alguns usam os gestos, outros são oralizados.

Quadros & Karnopp (2004, p. 30) conceituam: “As línguas de sinais são consideradas naturais e, conseqüentemente, compartilham uma série de características que lhe atribui caráter específico e as distingue dos demais sistemas de comunicação”. A Libras por ser da modalidade espaço-visual requer um esforço maior de alguns ouvintes em adquirir a fluência, devido utilizarmos primeiramente a audição e depois a visão, isso não acontece com os sujeitos surdos.

De acordo com Quadros (1997, p. 46) “Todas as pessoas estão acostumadas a associar língua com fala. Assim, quando se fala em línguas de sinais que exige uma associação de língua com sinais, normalmente as pessoas apresentam concepções inadequadas”. Alguns dos usos inadequados em relação a língua de sinais é: a incapacidade de expressar conceitos abstratos, que é linguisticamente inferior ao sistema de comunicação oral e também deriva da comunicação gestual espontânea dos ouvintes (KARNOPP, 2004). Por isso, é importante combatermos as concepções inadequadas e os mitos a respeito da Libras. Pois é uma língua independente das outras línguas.

Sabendo que a Linguística Aplicada pode contribuir na educação de surdos, consideramos pertinente verificar quais os trabalhos expostos que abrangem a temática. Com isso, esse estudo teve como objetivo geral investigar as produções científicas realizadas e publicadas que envolvem a LA, Libras e ensino de surdos. Para esse propósito, estabelecemos os objetivos específicos: a) Fazer um levantamento bibliográfico das produções que envolvem a LA e ensino de surdos dos últimos seis anos que foram publicados na base de dados da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO); e b) Verificar as contribuições da LA para o ensino de surdos.

METODOLOGIA

A presente pesquisa é de natureza bibliográfica, na qual investigou artigos científicos no site da SciELO publicado no período de 2017, 2018, 2019, 2020, 2021 e 2022, para Fonseca (2002, p. 32), “[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meio escritos e eletrônicos, como livros, artigos

científicos, páginas de web sites”. Sendo assim, foi estabelecido palavras-chave isoladas e em conjunto para fazer o levantamento no periódico, as palavras-chave utilizadas, foram: a) linguística aplicada; b) libras; c) surdos; d) ensino de surdos e linguística aplicada; e) libras e linguística aplicada; f) línguas de sinais e linguística aplicada.

Esse estudo também está pautado na abordagem qualitativa, Flick (2009, p.36) diz, “a pesquisa qualitativa não se refere apenas ao emprego de técnicas e habilidades aos métodos, mas inclui também uma atividade de pesquisa específica”. Com isso, foi definido, para a coleta de dados:

1. Procurar por produções que abordam a temática no site da SciELO, fazendo um recorte temporal, no período de 2017 a 2022;
2. Buscar nas produções encontradas, estudos relacionados as palavras-chave definidas;
3. Selecionar a leitura dos resumos das produções que abrangessem as palavras-chaves;
4. Fazer a leitura integral das produções selecionadas.

No primeiro momento na consulta no site da SciELO, foram encontradas 918 produções, com as palavras-chave: linguística e libras, mas após fazermos as leituras dos resumos, verificamos que se tratavam de assuntos relacionados a sociolinguística, semiótica, fonética e sinonímia. Então, posteriormente foram utilizadas as outras palavras-chaves selecionadas e o número reduziu para 122 produções, nela foram encontradas pesquisas referentes a literatura surda, estudos da tradução de libras, atendimento educacional especializado e traduções de obras clássicas da literatura.

Perante isso, foi escolhido somente as produções que se estavam no site do SciELO do Brasil e nessa busca foram achadas 19 produções na qual foi empregada as palavras-chave: linguística aplicada e libras, e se colocássemos outras palavras-chave que haviam sido determinadas para a pesquisa, o site não encontrava nenhuma produção relativa as outras palavras-chave.

Para estruturar o estudo bibliográfico usamos a revisão sistemática que é uma abordagem mais formal da revisão bibliográfica. De acordo com Kitchenham (2004, p. 01), “uma revisão sistemática da literatura é um meio de identificar, avaliar e interpretar todas

as pesquisas disponíveis relevantes para uma questão de pesquisa específica, ou área de tópico, ou fenômeno de interesse” (Tradução nossa).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa demonstraram que há no site do SciELO Brasil nos anos de 2017, 2018, 2019 e 2020, 19 trabalhos relacionando a aprendizagem da Libras e a linguística aplicada, observamos que houve um decréscimo de produções nos anos de 2019 e 2020. Como também não foi encontrada nenhuma produção nos anos de 2021 e 2022, talvez essa ausência e diminuta de produções tenha sido afetada pela pandemia da COVID-19, que deixou algumas pessoas do mundo em temerosa e isso pode ter afetado as produções. No quadro abaixo demonstraremos quais as produções que foram localizadas com as palavras-chave: linguística aplicada e libras.

ANO DE PUBLICAÇÃO	TÍTULO	AUTORES
2017	Os sinais dos surdos: uma análise a partir de uma perspectiva cultural.	Isabelle Souza, Ana Gediel.
2017	Janelas de libras e gêneros do discurso: apontamentos para a formação e atuação de tradutores de língua de sinais.	Vinicius Nascimento.
2017	Traduzindo sons em palavras nas legendas para surdos e ensurdecidos: uma abordagem com linguística de corpus.	Ana Nascimento.
2017	Tradução audiovisual acessível (TAVA): audio-descrição, janela de libras e legendagem para surdos e ensurdecidos.	Vera Araújo, Soraya Alves.
2017	O desafio da tradução entre língua portuguesa e libras diante do fenômeno da sinonímia.	Márcia Carvalho, Marília Araújo.
2017	The Raven e o seu voo para a língua brasileira de sinais.	Ygor Corrêa, Rafael Gomes, Carina Cruz.
2018	A desambiguação de palavras homônimas em sentenças por aplicativos de tradução automática Português Brasileiro-Libras.	Maria Barbosa, Emanuel Sousa.
2018	Considerações sobre o processo de retextualização para Libras de textos em português por graduandos surdos.	Kátia Santos, Cristina Lacerda.
2018	Verbo-visualidade e seus efeitos na interpretação em Libras no teatro.	Carolina Fomin.
2018	Análise do papel das expressões não manuais na intensificação em libras.	Francisco Paiva, Plínio Barbosa, José de Martino, Ackley Will, Márcia Oliveira, Ivani Silva, André Xavier.

ANO DE PUBLICAÇÃO	TÍTULO	AUTORES
2018	As funções do intérprete educacional: entre práticas sociais e políticas educacionais.	Neiva Albres, Carlos Rodrigues.
2018	O eu-para-mim de intérpretes de língua de sinais experientes em formação.	Vinicius Nascimento.
2018	Um estudo sobre a formação de tradutores e intérpretes de línguas de sinais.	Juliana Faria, Anabel Galán-Mañas.
2018	No princípio era a palavra, mas a palavra foi traduzida para os sinais.	Emerson dos Santos.
2018	Tradução do texto de Walter Benjamin "A Tarefa do Tradutor" para a Língua Brasileira de Sinais a partir da tradução de Susana Kampff Lages.	Ádila Marques, Kátia Pinheiro, Thais Avelar.
2019	Investigando o Esforço Cognitivo, o conhecimento sobre Tradução e a Satisfação na Tradução LIBRAS-Português.	Norma Fonseca, José Gonçalves, Pedro Oliveira.
2019	Português como segunda língua: a escrita de surdos em aprendizagem coletiva.	Djair Almeida, Cristina Lacerda.
2020	Decomposing distribution across dimensions: evidence from Libras.	Marta Donazzan, Luciana Sanchez-Mendes.

Fonte: Autores (2022).

Os trabalhos denominados:

- Os sinais dos surdos: uma análise a partir de uma perspectiva cultural, Janelas de libras e gêneros do discurso: apontamentos para a formação e atuação de tradutores de língua de sinais, essa pesquisa apresenta como são constituídos e nomeados os sinais próprios e nomes de pessoas surdas.
- Janelas de libras e gêneros do discurso: apontamentos para a formação e atuação de tradutores de língua de sinais, essa pesquisa trata da inclusão da janela da Libras.
- Traduzindo sons em palavras nas legendas para surdos e ensurdecidos: uma abordagem com linguística de corpus, o foco desse trabalho é fazer a tradução dos efeitos sonoros de filmes para surdos e deficientes auditivos.
- Tradução audiovisual acessível (TAVA): audiodescrição, janela de libras e legendagem para surdos e ensurdecidos, trata de estudos teórico e metodológicos que envolvem a linguística de corpus e estudos experimentais.
- A desambiguação de palavras homônimas em sentenças por aplicativos de tradução automática Português Brasileiro-Libras, esse estudo analisa a tradução

- automática realizada por dois aplicativos, os ProDeaf Mobile e Hand Talk.
- f. Considerações sobre o processo de retextualização para Libras de textos em português por graduandos surdos, essa pesquisa demonstra como são organizadas as estruturas linguísticas das libras a partir do texto escrito em português.
 - g. Um estudo sobre a formação de tradutores e intérpretes de línguas de sinais, esse trabalho faz uma comparação de tradutores e interpretes das línguas orais e de sinais em dois cursos, uma na Universidade de Barcelona e outro na Universidade Federal de Goiás.
 - h. Português como segunda língua: a escrita de surdos em aprendizagem coletiva, nesse artigo é descrito e analisado a escrita de surdos.

As produções a, b, c, d, e, f, g e h fazem parte de alguns cadernos de linguística aplicada e utilizam maneiras (aplicativos e janela de libras) para favorecer a comunicação de surdos em diversos ambientes. As demais fazem parte de cadernos de tradução, estudo dos discursos e linguagem teórica, focamos no que estão relacionados com o objetivo geral dessa pesquisa.

Celani (1998) divide as pesquisas em linguística aplicada em quatro grandes grupos, tendo como princípio a transdisciplinaridade:

1-Interação em contextos institucionais e informais: estudos sobre contextos específicos tais como, negócios, academia, texto literário, sala de aula (bilingue, bidialetal e monolíngue), médico/paciente, análise crítica do discurso. 2. Interação em aprendizagem: projetos em letramento, aprendizagem de segunda língua, interações transculturais e interculturais em contextos pedagógicos, o foco sendo sociocultural, discursivo e psicológico. 3. Aquisição e desenvolvimento da linguagem (materna, estrangeira, [orais e de sinais]: inclui situações tanto de primeira quanto de segunda língua, inclui projetos sobre aquisição e desenvolvimento da escrita, de leitura, de habilidade oral, de letramento e alfabetização. 4. Ensino de língua: inclui, particularmente, projetos sobre tradução,

do ponto de vista da teoria, da prática e do ensino (CELANI, 1998, p. 136)

Embora, todas as produções selecionadas pertençam a linguística aplicada, de acordo com Celani (1998), demos visibilidade maior as que se relacionam com o ensino de libras. Diante disso, surge a necessidade de mais pesquisas que envolvam a linguística aplicada e a libras, pois houve ausência dessas publicações nos anos de 2021 e 2022

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse trabalho foi possível percebermos a contribuição da LA no ensino da Libras, pois a LA não é uma ciência engessada, ela não dita regras e metodologias corretas no ensino de línguas, até porque não existe um modelo certo ou errado. “Para os linguistas aplicados cada situação de aprendizagem é específica e envolve um tipo de aluno específico, o que indica uma variação na atuação considerando as diferentes situações e contextos reais” (NEIGRAMES et al, 2018, p. 71). Nesse sentido, a pessoa com surdez se encaixa perfeitamente nos estudos da LA, devido a sua especificidade.

Os resultados da pesquisa demonstraram o declínio e ausência na quantidade de produções nos anos de 2019, 2020, 2021 e 2022. Devido a isso, é necessário que haja mais interesse por parte de alguns pesquisadores em pesquisar e publicar trabalhos relacionadas a linguística aplicada e ao ensino de libras, isso daria maior visibilidade a temática.

Notamos que a LA apesar de ter um caráter transdisciplinar não deve ser aleatória, tem elos que norteiam a pesquisa, em se falando de surdos é fundamental conhecer a cultura surda, para evitar possíveis rótulos que muitos docentes utilizam na justificativa do fracasso escolar.

Aprendemos também que o ensino bilíngue é o mais adequado para o ensino de surdos, devidos eles viverem cotidianamente com duas línguas e duas culturas. De acordo com Quadros (1997, p. 27):

Se a língua de sinais é uma língua natural adquirida de forma espontânea pela pessoa surda em contato com pessoas que usam essa língua e se a língua oral é adquirida de forma sistematizada, então as pessoas

surdas têm o direito de ser ensinadas na língua de sinais. A proposta bilíngue busca captar esse direito.

Evidenciamos também, que no ensino de surdos jamais podemos dissociar a língua da cultura e devido a linguística aplicada ter seu caráter inter/transdisciplinar, ela pode contribuir na educação de qualidade dos surdos e na aprendizagem da Libras.

REFERÊNCIAS

AILA. Disponível em <<https://aila.info/research/aila-book-series/>>. Acesso em 16 de dezembro de 2018.

ALBRES, Neiva de Aquino. **Ensino de Libras como segunda língua e as formas de registrar uma língua visuo-gestual**: problematizando a questão. ReVEL, v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br].

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Especial**. Lei nº. 10.436, de 24 de abril de 2002.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias/Ministério da Educação. – Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Média e Tecnologias, 1999.

CAVALCANTI, M.C. **A propósito de Linguística Aplicada**. Trabalhos em Linguística Aplicada 7. Campinas, Unicamp, 1986.

CELANI, Maria Antonieta Alba. **Transdisciplinaridade Linguística Aplicada no Brasil**. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTE, Marilda do Couto (Org). Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia científica**. São Paulo, SP: Prentice Hall, 2002.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: Linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista.** 7 ed. São Paulo: Plexus, 2002.

KARNOPP, L.B. **Produções culturais de surdos: análise da literatura surda.** Cadernos de Educação (UFPEL), v. 19, p. 155-174, 2010.

KLEIMAN, A.B. **O estatuto disciplinar da linguística aplicada: O traçado de um percurso. Um rumo para o debate,** In: Signorini, I & Cavalcanti, M.C. (Org.). Campinas: Mercado de Letras, 1998.

LEFTA, V. J. **Transdisciplinaridade no ensino de línguas.** A perspectiva das teorias da Complexidade. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 27-49, 2006.

KITCHENHAM, B. **Procedures for performing systematic reviews.** Joint Technical Report, Keele University TR/SE-0401, 2004. Disponível em: <http://www.inf.ufsc.br/~aldo.vw/kitchenham.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2022.

LIMA, Maria do Socorro Correia. **Algumas considerações sobre o ensino de português para surdos na escola inclusiva.** Letra magna. Brasil, ano 03, n. 05, p. 10-23, agosto, 2006.

MENEZES, Vera Lucia; SILVA, Marina Morena dos Santos; GOMES, Iran Felipe Alvarenga. **Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos.** In: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar (Org.). São Paulo: Contexto, 2009.

MOITA LOPES, L.P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006.

NEIGRAMES, Wáquila Pereira; SANTOS, Lucas Eduardo Marques; ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra. **O ensino de Libras e a linguística aplicada: uma ponte possível.** Linguística estudos e pesquisa, Catalão-GO, v. 22, n. 1, p. 67-82, jan./jun. 2018.

PEREIRA, Maria Inês da Silva; CUNHA, Maria Cristina da. **Bilinguismo e educação de surdos**. Intercâmbio. São Paulo, vol. XIX, p. 62-67, dezembro, 2009.

QUADROS, R.M. **Educação de Surdos**: Aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, R.M; KARNOPP, L.B. **Língua de sinais brasileira**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

RAJAGOPALAN, K. **Repensar o papel da linguística aplicada**. In: MOITA LOPES, L.P. (Org.). Por uma linguística aplicada indisciplinar. São Paulo: Parábola, 2006.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Gêneros do discurso no círculo de Bakhtin**- ferramentas para a análise transdisciplinar de enunciados em dispositivos e práticas didáticas. Disponível em: <<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/cd/Port/117.pdf>> Acesso em: 15 de julho de 2018.

SCHEIFER, Camila Lawson. **Transdisciplinaridade na linguística aplicada**: um processo de desreterritorialização - um movimento do terceiro espaço. RBLA, Belo Horizonte, v. 13, n. 3, p. 919-939, abr. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/2013nahead/aop2013.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4 ed. Florianópolis: Ed. da USFC, 2008.